

A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR, AVALIAÇÃO E O TRABALHO COM O PORTFÓLIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Joseval dos Reis Miranda¹

RESUMO

O presente artigo decorre da pesquisa realizada no doutorado em educação que teve por objetivo geral compreender as contribuições do portfólio ao trabalho pedagógico e ao processo avaliativo em turmas da Educação de Jovens e Adultos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste texto abordo a questão da organização curricular e o trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos, fazendo a interface com o processo avaliativo, tendo o seguinte questionamento: quais as influências na organização curricular do trabalho pedagógico por meio do portfólio e a sua relação com o processo avaliativo? A metodologia privilegiou a abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso. Foi utilizada a entrevista semiestruturada e a observação participante, tendo como interlocutores professoras e estudantes da Educação de Jovens e Adultos. O diálogo entre as referências teóricas pautou-se, em especial neste artigo, em concepções de currículo e organização curricular, o trabalho com o portfólio e avaliação na Educação de Jovens e Adultos. Os resultados apontaram que a utilização do portfólio possibilitou durante o período que foi empregado pelas professoras uma mudança no fazer curricular, construindo uma postura interdisciplinar; as professoras envolvidas no trabalho por meio do portfólio reconhecem a fragilidade na vivência estabelecida, contudo estão abertas a novas experiências e ao crescimento em grupo; as experiências construídas por meio do trabalho com o portfólio e a organização do currículo de forma interdisciplinar no possibilitaram um maior amadurecimento para o grupo. A expectativa é que as ponderações provoquem novas reflexões com vistas ao aperfeiçoamento da organização curricular e do trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos com interfaces no processo avaliativo.

Palavras-chave: Currículo e organização curricular. Avaliação e portfólio. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This article derives from research in doctoral education that aimed to understand the overall portfolio of contributions to the pedagogical work and the evaluation process in classes of Youth and Adults of the early years of elementary school. In this paper I address the issue of curriculum and working with the portfolio in Youth and Adults, interfacing with the evaluation process, with the following question: what influences the curriculum of the educational work through the portfolio and its relationship with the evaluation process? The methodology focused qualitative approach, through the case study. We used the semi-structured interviews and participant observation with intermediaries teachers and students of Youth and Adults. The dialogue between the theoretical references was marked, especially in this article, concepts of curriculum and curriculum, working with portfolio evaluation and the Youth and

¹ Doutorando em Educação da Universidade de Brasília. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – Campus de Bom Jesus da Lapa. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br

Adult Education. The results showed that the use of the portfolio during the period allowed was employed by the teachers to make a change in the curriculum, building an interdisciplinary approach, the teachers involved in working through the portfolio recognized the weakness in the established experience, yet are open to new experiences and growth in groups; experiences built by working with the portfolio and the organization of the curriculum in an interdisciplinary way possible in a greater maturity to the group. The expectation is that the weights cause new thinking in order to improve the curriculum and work with the portfolio in youth and adults with interfaces in the evaluation process.

Keywords: Curriculum and curriculum organization. Evaluation and portfolio. Youth and Adult Education.

PRIMEIRAS PALAVRAS...

O texto trata de um dos aspectos abordados na pesquisa realizada no período de dois mil e dez, referente à avaliação das aprendizagens na Educação de Jovens e Adultos por meio do portfólio. Para isso, nossos interlocutores de pesquisa foram professoras que atuavam na rede pública de ensino em uma escola municipal da modalidade aqui mencionada e estudantes matriculados no primeiro segmento dessa modalidade, ou seja, Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa mencionada, por ter sido realizada por meio de um cunho qualitativo, proporcionou a imersão do pesquisador no ambiente e o contato com os interlocutores, razão pela qual foi possibilitada a coleta de inúmeras informações que originaram este artigo, cujo questionamento central é o seguinte: quais as influências na organização curricular do trabalho pedagógico por meio do portfólio e a sua relação com o processo avaliativo?

Nesse sentido, este texto busca evidenciar o diálogo em torno do eixo currículo e organização curricular, avaliação e trabalho com o portfólio no espaço da Educação de Jovens e Adultos, considerando as especificidades da modalidade educativa e a realização do trabalho pedagógico nesse cenário. Assim sendo, a partir das discussões e reflexões aqui tecidas com os autores abordados e também com algumas das falas dos interlocutores da pesquisa, este texto procura trazer contribuições, comentários e reflexões sobre a tessitura da organização curricular, a avaliação e o trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

A expressão organização curricular aparece na atual LDBEN nº 9.394/96 como a forma dos sistemas de ensino construir o aparelhamento dos seus currículos. Esta forma de organização deste o regime de série, ciclo, semestre não descarta que o “currículo pode ser visto como um objeto de que cria em torno de si campos de ações diversos, nos quais múltiplos agentes e forças se expressam em sua configuração, incidindo sobre aspectos distintos” (GIMENO SACRISTÁN, 2000, p.101).

Nesse sentido, ainda segundo Gimeno Sacristán (*Ibid.*) o currículo e a sua construção não estão isentos das relações entre os atores sociais, das conexões, dos espaços e dos tempos que se estabelecem no sistema curricular. Entendo também, que a construção e a organização curricular possuem ligações com o campo econômico, político, social, cultural sem desprezar ainda os condicionantes da cultura escolar e de cada escola.

Assim, apesar da flexibilidade contida nos aspectos legais da organização dos sistemas de ensino, ainda é bastante evidente a prevalência na organização em séries, e nessas a forma de trabalho disciplinar e fragmentada, evidenciando assim, um currículo do tipo coleção (BERNSTEIN, 1988; 1996).

Esta forma de configuração curricular na qual se estabelecem modelos formativos fragmentados, muitas vezes descontextualizados ecoa na organização do ensino em diversos níveis e modalidades, ganhando também espaços na lógica da avaliação. A forma desenvolvida pelos sistemas de ensino prevalece uma avaliação que se baseia na mensuração por meio de testes padronizados e outros procedimentos que almejam somente verificar se os objetivos educacionais foram atingidos.

No cenário atual a sociedade e principalmente os profissionais da educação comprometidos com as mudanças e transformação social, manifestam a inconformidade com as práticas tradicionais e classificatórias, pelo visível prejuízo para a formação dos estudantes. É necessário como profissionais da educação começar a enxergar e ter a consciência das contradições, dos conflitos, da imprecisão e outros elementos que podem influenciar a construção de uma postura avaliativa que vise romper com as amarras de paradigmas mais tradicionais no campo avaliativo.

Assim, referindo-se especificamente ao campo do currículo e da avaliação, as relações e construções do ensino se realizam ou se formatam em um clima de avaliação. Logo, Gimeno Sacristán (2000) explicita:

[...] A avaliação atua como uma pressão modeladora da prática curricular, ligada a outros agentes, como uma política curricular, o tipo de tarefas nas quais se expressa o currículo e o professorado escolhendo conteúdos ou planejando atividades. [...] As avaliações têm de fato várias funções, mas uma deve ser destacada: servir de procedimento para sancionar o progresso dos alunos pelo currículo seqüenciado ao longo da escolaridade, sancionando a promoção destes (*Ibid.*, p. 312-313).

Ao estabelecer as relações entre currículo e avaliação, não é possível deixar de pensar sobre a forma de operacionalização desses campos na Educação de Jovens e Adultos. Em especial destaque a importância e a necessidade do trabalho com o portfólio estar atrelado aos ideais de currículo escolar. Daí, o trabalho por meio do portfólio ser possibilitador da formação do sujeito crítico com capacidade de inserção e transformação social, capaz de discernir quando as relações alienam, oprimem, marginalizam e, por fim, agir em defesa da consecução de uma sociedade justa para todos.

Não se pode negar o caráter fundante do espaço curricular como local de produção de identidades, de discursos, de sentidos, de representações e outros aspectos (SILVA, 2003; 2005). A forma como o currículo vem materializar-se também indica que seja aberto ou fechado, por meio do seu formato (BERNSTEIN, 1988; 1996) ou ainda fragmentado ou integrado (TORRES SANTOMÉ, 1998). Isto incidirá no modelo de práticas pedagógicas e, conseqüentemente, nas configurações do ato de avaliar.

Tanto Bernstein (1988; 1996) como Torres Santomé (1998) defendem a construção do currículo baseado no modelo de integração, para o primeiro, ou globalizado, para o segundo. Nesse sentido, a concepção apresentada e defendida por Torres Santomé (1998) traz no seu âmago vantagens, como uma intervenção educativa mais aberta, dialógica que propicia o exercício do protagonismo no ato de aprender, no ato de ensinar, no ato de avaliar, maior

abertura do canal de comunicação entre os atores sociais que constroem o cenário curricular, maior possibilidade de trabalho, análise e interpretação dos conteúdos culturais.

Para Bernstein (1988), a integração dos conteúdos se relaciona a uma ideia, os diferentes conteúdos são partes de um todo e cada função dessas partes é explicar o todo, não havendo redução alguma da autonomia do conteúdo. Na proposta do currículo integrado, quando acontece a interação, “[...] há uma troca e um equilíbrio na relação pedagógica” (*Ibid.*, p. 96).

Portanto quando construo a relação do currículo com o trabalho com o portfólio é no intuito de sinalizar o quanto o mesmo potencializa a expressão do currículo de forma mais integrada e global com as áreas de conhecimento, promovendo assim a realização de um trabalho de interdisciplinar.

Neste sentido para Japiassu (1975),

O trabalho interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (JAPIASSU, 1975, p.75).

Assim de acordo com Fazenda (2005) o trabalho interdisciplinar não se ensina, nem se aprende, ou seja, vivencia-se, constrói-se, pois o que caracteriza um trabalho interdisciplinar é a busca, a pesquisa e a ousadia em romper os limites das fronteiras estabelecidas entre as várias áreas de conhecimento, entretanto, respeitado cada área onde na construção interdisciplinar estes campos de conhecimentos não se anulam, nem somem, contudo estabelece um diálogo dialético respeitado a especificidade do estatuto epistemológico de cada área do saber.

Sobre o fazer interdisciplinar Ferreira (2005) expõe:

[...] a interdisciplinaridade por um movimento ininterrupto, criando ou recriando outros pontos para a discussão. (...) Não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que a praticam. (...) A apreensão da atitude interdisciplinar garante, para aqueles que a praticam, um grau elevado de maturidade. Isso ocorre devido ao exercício de uma certa forma de encarar e pensar os acontecimentos (FERREIRA, 2005, p. 34-35).

Construir a relação do currículo com o trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos é na intenção de sinalizar o quanto este potencializa a expressão do currículo de forma mais integrada e global com as áreas de conhecimento, promovendo, assim, a realização de um trabalho interdisciplinar. A oportunidade do fazer interdisciplinar colaborará para a construção de relações mais significativas para os estudantes como também para os professores, no que se refere aos campos de conhecimento do currículo escolar, às vivências pessoais e ao processo de aprendizagens.

Os conteúdos curriculares, ao serem trabalhados por meio do portfólio, podem potencializar tanto para professores como para estudantes da Educação de Jovens e Adultos a relevância sobre os conhecimentos abordados, bem como a construção de saberes em busca da consecução de uma dinâmica mais significativa e envolvente para todos os seus protagonistas, no processo didático de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar.

De nada adianta um currículo que proclame que a sociedade deve ser democrática, justa, igualitária se o cotidiano escolar for permeado por práticas, vivências, valores contrários e marginalizadores. Enfim, quando pontuo sobre a relação aqui mencionada do currículo e portfólio na/para a Educação de Jovens e Adultos, é no intuito de potencializarem a construção de uma educação por meio da ação coletiva, sob uma vertente emancipatória, participativa, com vistas à qualidade para todos e todas (VEIGA, 2003).

Não posso deixar de mencionar o quanto é marcante a preocupação com a qualidade da educação, principalmente no que diz respeito aos números que são anunciados por meio dos exames. São índices que demonstram que ainda se tem muito por fazer nas questões referentes à evasão, à reprovação, à não aprendizagem, frequência escolar e outros. Até aqui, no presente texto, tenho me posicionado acerca da avaliação, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, como um componente do trabalho pedagógico que exige postura ética, dialógica e reflexiva tanto dos professores como dos estudantes.

Ao desenvolver e expor as minhas ideias sobre o trabalho com o portfólio, convém salientar que o mesmo não se desenvolve solto ou fora de uma proposta maior e que também se expressa no ambiente escolar dentro de uma determinada concepção de currículo. Ao realizar o trabalho com o portfólio, explicitamente ou de forma implícita, o professor está assegurando um tipo de formação para um determinado tipo de sujeito, de homem inserido em um modelo de sociedade. Evidente que não é por utilizar o portfólio que teremos um sujeito crítico e reflexivo, como se fosse causa-efeito. Tudo isso depende da concepção e da forma de operacionalização que será dada, no decorrer do processo.

Como já sinalizei anteriormente, são várias as possibilidades que podem ocorrer mediante a utilização do portfólio, desde a investigação, a reflexão e a própria avaliação da prática pedagógica. Propicia o diagnóstico dos processos de aprendizagens dos estudantes, como possibilidade de construção avaliativa na qual a voz e a presença do sujeito ganham visibilidade, potencializa a criação de relações interativas, dialógicas, reflexivas, participativas e outros aspectos que poderiam ser mencionados.

Desse modo, ao adotar o trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos com uma postura emancipatória, crítica e reflexiva da qual sou defensor, os sujeitos envolvidos terão vez e voz e o professor estará criando dentro de um projeto político-pedagógico um "ideal" de cidadão, de sociedade e de educação. Embora, na maioria das vezes, muitas das concepções, valores, missão, visão, formas de avaliar e outros elementos dos projetos político-pedagógicos escolares não estejam explicitados no papel, acontecem no cotidiano das instituições de ensino, seja de forma visível ou invisível (BERNSTEIN, 1996).

No percurso da Educação de Jovens e Adultos por meio dos vários movimentos sociais, congressos e outros, o Brasil tem buscado maiores compromissos com a parcela da população que, por muito tempo, permaneceu excluída e marginalizada do processo de escolarização. É bom ter em mente, quando há referência à marginalização e exclusão, as questões no tocante a políticas públicas educacionais específicas para a modalidade, e não simplesmente vivenciar campanhas de forma pontual, fragmentadas e descontextualizadas da realidade desses estudantes.

Somente com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96, a Educação de Jovens e Adultos ganha um espaço significativo, pontuando a necessidade do

acesso e continuidade dos estudos para quem não teve oportunidade na idade própria. Menciona ainda o caráter específico da modalidade na qual a organização do trabalho pedagógico é essencial, além da importância do conhecimento dessa realidade: a dos estudantes e da sua condição de não crianças. Na maioria dos casos, o insucesso e o fracasso escolar vem acompanhando o seu histórico na escola.

Compreender determinados aspectos e fatos históricos possibilita olhar criticamente o porquê de algumas ideias ainda estarem enraizadas, prejudicando as possibilidades de mudança no campo da Educação de Jovens e Adultos. É visível no estudo da história da Educação de Jovens e Adultos uma caminhada marcada pela falta de coerência nos objetivos educacionais com a formação para a cidadania crítica, o caráter de voluntariado que permeou e ainda se faz presente em algumas campanhas, a marca da transitoriedade na concepção das propostas para acabar com o analfabetismo no país. Enfim, outras características ainda poderiam ser mencionadas, corroborando o quanto essa modalidade educativa é concebida e executada como um simples apêndice do sistema educativo brasileiro.

Convém destacar ainda que é preciso compreender as idiosincrasias da modalidade, pois não basta tratar os estudantes como “resíduos” para serem atendidos de forma mais aligeirada, com menos qualidade. É preciso entender que, na maioria dos casos, os estudantes que frequentam as classes da Educação de Jovens e Adultos são marcados pela desmotivação pelo estudo, estão desencantados com a escola e apresentam histórico de reprovação escolar.

Para Paiva (2004; 2006; 2009), duas vertentes configuram marcos na forma de conceber a Educação de Jovens e Adultos pós-Hamburgo: a forma de conceber o direito ao processo de escolarização a todos os sujeitos e a concepção de educação continuada, entendida pela necessidade do aprender por toda a vida. Tal compreensão possibilitou o redimensionamento e as formas como esta modalidade educacional tem sido organizada no âmbito das políticas públicas, possibilitando o ressignificar do processo de aprendizagens e também de avaliação.

Assim sendo, acredito que a luta pela verdadeira democratização da educação acontecerá quando a instituição escolar for realmente um local de acesso às várias aprendizagens em que todos possam aprender, avaliar e ser avaliados de forma consciente e crítica em prol da emancipação e crescimento do ser humano.

O PORTFÓLIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

Até aqui venho expondo e fazendo a relação da avaliação com o currículo. Desse modo, quando menciono esta afinidade entendo estas dimensões altamente imbricadas em prol dos processos de aprendizagens, pois

A avaliação é uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Este processo inclui outras ações que implicam na própria formulação dos objetivos da ação educativa, na definição de seus conteúdos e métodos, entre outros. A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras. (FERNANDES; FREITAS, 2007, p. 47).

Assim, entendo que a ideia de aprendizagens não pode ser dissociada da organização curricular. Desse modo, o trabalho com portfólio na Educação de Jovens e Adultos traz a possibilidade de ampliar os estudos sobre a temática e também construir junto com o estudante dessa modalidade possibilidades de avaliação que proporcionem o desenvolvimento da sua capacidade de pensar e tomar decisões quanto ao processo de aprendizagens. Essa vivência por meio do portfólio implica a reflexão crítica tanto do professor quanto do estudante e a construção com o professor da sistemática avaliativa que promova as aprendizagens.

Pensar as condições para o desenvolvimento educacional com qualidade para todos implica uma série de elementos ou fatores. Não basta garantir o acesso, a permanência ou promover discursos sobre a democratização do ensino, pois estes convergem para um horizonte mais amplo das políticas públicas educacionais, nas quais estão implicadas as maneiras da formulação, organização, orientação e operacionalização do processo pedagógico.

Quando trago para este cenário a discussão e a reflexão sobre a organização do trabalho pedagógico, sinalizo o quanto é necessário e urgente também pensar, questionar e refletir sobre a posição ocupada pela avaliação. Essa organização não se isenta de ponderar sobre as suas concepções e práticas adotadas, instrumentos e critérios utilizados. Em especial, neste texto trago para o debate a utilização do portfólio e a sua relação no processo avaliativo com a possibilidade de promover o (des) silenciamento do estudante da Educação de Jovens e Adultos.

Sobre a utilização de instrumentos e critérios avaliativos, Silva (2008b) afirma:

A diversificação dos instrumentos avaliativos tem uma função estratégica na coleta de um maior número e variedade de informações sobre o trabalho docente e os percursos de aprendizagens. [...] restringir a avaliação ao produto e a um instrumento é desperdiçar uma diversidade, no mínimo, de informações do processo que são úteis ao entendimento do fenômeno educativo e à tomada de decisão para as mudanças necessárias (*Ibid*, p.16).

Nesse contexto, o trabalho com portfólio na Educação de Jovens e Adultos possibilita ao estudante o exercício reflexivo sobre as produções, tarefas e aprendizagens, evidenciadas no portfólio. Os estudantes podem ainda analisar os avanços e os pontos a serem trabalhados em prol de alguma aprendizagem ainda não realizada. O trabalho avaliativo no qual o portfólio pode ser utilizado constitui uma alternativa em busca da construção de uma avaliação participativa, dialógica e dialética.

Ao realizar o trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos, o professor tem a possibilidade de ir visualizando processualmente o progresso e o desenvolvimento do estudante mediante os registros acumulados, produzidos e socializados. Esta forma de agir facilita o processo por meio das sucessivas avaliações, apontando pistas e critérios que devem ser levados em consideração no processo avaliativo que ocorre tanto pelo estudante como pelo *feedback* que o professor lhe proporciona.

Segundo Frison (2008),

[...] possibilita que a avaliação seja algo pertinente ao trabalho, esteja sempre co-relacionada com aquilo que está sendo planejado e

desenvolvido. É importante que o professor não ignore o aluno na sua apreciação sobre o assunto, proporcionando-lhe e estimulando autoavaliar-se, julgar, pensar, refletir sobre o que é feito torna o portfólio um instrumento dinâmico e significativo de avaliação das aprendizagens realizadas. Ele também é referência, é uma estratégia que permite organizar a avaliação formativa de acordo com as idéias e os princípios estabelecidos na proposta pedagógica (FRISON, 2008, p. 214).

Deste modo, vejo no trabalho com o portfólio embasado em concepções que visem à formação do sujeito com vistas ao aprendizado, a abertura para o diálogo, a participação, o respeito, a ética e outros elementos. O ambiente assim constituído torna-se potencializador dos processos avaliativos entre professores e estudantes, sendo dada voz e vez a todos.

A partir desse entendimento sobre a organização do trabalho pedagógico, busquei ainda desvelar o cotidiano escolar no que diz respeito ao trabalho com o portfólio e as suas possibilidades de efetivação na Educação de Jovens e Adultos. Uma professora ressaltou:

É um trabalho bastante rico. Possibilitou aos alunos da EJA muitas melhorias, como ouvir, falar mais nas aulas, melhorar a escrita, ver a sua própria aprendizagem, avaliar a aula e dizer o que está bom, e o que não está. Havia alunos muitos tímidos, nem falavam nem nada. Às vezes eu até atrapalhava o nome por não conhecer direito. E com o portfólio eles foram aparecendo. Cada um do seu jeito. O bom de tudo isto foi que cada portfólio foi único (professora Girassol).

As professoras interlocutoras da pesquisa ainda assinalaram que realizar o trabalho por meio do portfólio não foi fácil, porém destacaram a forma como a avaliação das aprendizagens foi um processo que proporcionou o compartilhamento das ações, saberes, poderes, tanto por elas como pelos estudantes. Para as docentes, foram situações em que os estudantes se tornaram mais visíveis para todos, estabeleceram parcerias e realizaram autoavaliações (VILLAS BOAS, 2004; ALVARENGA, 2006a; 2006b).

Trazendo também as vozes dos estudantes, colhidas por meio da realização do segundo grupo focal, eles falaram sobre a experiência de construir o portfólio:

Não conhecia e gostei da forma como a professora trabalhou. Nossa, tinha coisa que nem eu mais lembrava e, quando parei para escrever a minha história, foi muito bom e emocionante (Rita, estudante, adulta).

A experiência de construir o portfólio foi boa, mas dá muito trabalho. Eu tenho que ficar mais atento a tudo para poder pensar e depois escrever lá no portfólio (Pedro, estudante, adulto).

Para os estudantes, a realização do trabalho por meio do portfólio resultou em momentos de romper a inércia discente de só ouvir e reproduzir o que a professora dizia na aula. Segundo os depoimentos, a construção do portfólio trouxe-lhes a confiança, melhoria no aprendizado, valorização dos diversos saberes, além do exercício da escuta, tanto por eles

quanto pela professora. Os estudantes tiveram a oportunidade de realizar o trabalho que lhes fora negado anteriormente em seus caminhos escolares.

No que diz respeito às práticas avaliativas e à utilização do portfólio percebi o seguinte:

Quando estavam trabalhando por meio dos projetos, as três professoras planejavam a aula por temas. Esse planejamento temático perpassava todos os conteúdos naquela noite, de forma que se tornavam mais significativos para os estudantes. Havia maior participação e envolvimento nas atividades. Eles nem percebiam quando estavam discutindo um tema da Geografia na disciplina História, e depois trabalhavam a Língua Portuguesa. Foi assim no projeto Identidade (Diário de campo).

Vale salientar que a forma de trabalho interdisciplinar foi desenvolvida especificamente quando utilizaram a construção do portfólio dos projetos temáticos. Ao término do projeto, no final do primeiro bimestre, percebi que uma das professoras, embora seguisse um roteiro, não buscava realizar uma prática interdisciplinar como vinha desenvolvendo antes.

Para Hernández e Ventura (1998) e Hernández (1998), a proposta de trabalho com projetos relaciona-se a uma perspectiva de construção de conhecimento, superando o modelo fragmentado e utilitarista, buscando desenvolver um modelo de aprendizagem significativa e na qual as decisões pela escolha dos temas partem do diálogo entre os atores sociais. Para os autores mencionados, o trabalho por meio de projetos potencializa ultrapassar os limites das áreas curriculares, requer a realização de atividades práticas, bem como novas possibilidades de avaliação como, por exemplo, por meio do portfólio.

Segundo Esteban (2008), existe a possibilidade de conectar o trabalho por projetos com a avaliação, o que significa

[...] torná-la uma prática de investigação dos processos desenvolvidos e dos resultados apresentados, incorporando alunos e professores como sujeitos interativos na realização do projeto, que está sempre atravessado por conhecimento, desconhecimentos e aprendizagens. Como prática de investigação, expõe a natureza coletiva e dialógica da avaliação, resulta do envolvimento de diversas pessoas, diferentes pontos de vista e várias possibilidades de compreensão e de ação, no processo (ESTEBAN, 2008, p. 89).

Pude perceber na dinâmica avaliativa que, ao utilizar o portfólio, fica evidente uma postura interdisciplinar. Vale ressaltar que o diálogo e a reflexão se coadunam com uma ação ou atitude interdisciplinar, que está em perfeita consonância com os princípios do portfólio.

O trabalho realizado por meio do portfólio nas turmas observadas apresenta evidências de uma prática avaliativa a serviço das aprendizagens. O estudante respeitava a produção do outro, o diálogo se fazia presente, não existia a preocupação ou a valorização da nota. Além disso, as manifestações de interesse em conhecer o que os outros estudantes tinham produzido era muito comum.

Perante as observações e as respostas dadas tanto pelas professoras como pelos estudantes, outra questão surgiu no decorrer da pesquisa: por que trabalhar de forma interdisciplinar somente quando se utiliza o portfólio?

Porque quando os alunos vão escolhendo as formas de registro e mostrando o que aprenderam no portfólio, eu não peço a eles que registrem por matérias. Por exemplo, eu não falo: escrevam o que aprenderam de Português; agora escrevam o que aprenderam de Matemática ou de História. Eles vão fazendo os registros, a cada semana eu pego e vou lendo o que escreveram e coloco os meus comentários. Avalio a escrita, pergunto sobre algo que ficaram em dúvida e ai vou observando. Eu vejo que eles escrevem de tudo, vão falando de tudo um pouco. Daí quando chega à culminância e eles apresentam o projeto, na outra unidade eu trabalho de forma mais separada, pois não trabalho com portfólio o ano todo, não, senão eles enjoam. Vou variando a forma de avaliar até mesmo pra mudar um pouco a rotina. Mas eu vejo que eles gostam mais quando eu faço um trabalho mais interdisciplinar. E também porque a sugestão da coordenação é que a gente utilize o portfólio para avaliar quando for tipo um projeto a ser desenvolvido como este que está acontecendo (professora Jasmim).

Foi possível perceber, portanto, que o trabalho pedagógico desenvolvido pelas docentes apresenta características interdisciplinares somente quando elas utilizam o portfólio. O trabalho interdisciplinar, portanto, não constitui uma postura, uma visão de mundo, uma concepção frente ao programa das disciplinas proposto pelo currículo da Educação de Jovens e Adultos.

Por meio dos relatos das professoras da pesquisa, compreendo a potencialidade que o trabalho com o portfólio apresenta ao ser utilizado como possibilidade avaliativa que considera os percursos dos estudantes, as suas aprendizagens e as relações que são construídas por eles no processo de constituição do próprio portfólio. Nesse sentido, são oportunas as palavras de Oliveira e Pacheco (2005):

Se o que se pretende é considerar os conhecimentos dos alunos como redes tecidas através de processos de aprendizagem singulares, múltiplos e imprevisíveis, na medida em que cada aluno incorpora as novas informações às suas próprias redes de modo diferente dos demais, é necessário que se procure desenvolver formas e instrumentos de avaliação compatíveis com essa pluralidade de pessoas, de saberes e de processos de aprendizagem. Por esse motivo, faz-se necessário que a reflexão em torno das questões curriculares e as tentativas de mudança dos mecanismos e instrumentos clássicos de avaliação caminhem juntas (OLIVEIRA; PACHECO, 2005 p. 125).

Acredito que pensar a avaliação e as práticas avaliativas na/para a Educação de Jovens e Adultos seja um momento de ressignificar e redimensionar conceitos, procedimentos e atitudes de acordo com as especificidades dessa modalidade educativa. Este pensamento

acarreta um significado que vai além do pedagógico, do político, acima de tudo, um significado de compromisso social com uma parcela da população que teve muitas vezes os seus direitos negados ou negligenciados no processo de escolarização.

Pensar as práticas avaliativas na/para a Educação de Jovens e Adultos implica, em primeiro lugar, considerar as características dessa modalidade educativa, tais como: os percursos de escolarização e de aprendizagens dos estudantes, a especificidades do público que frequenta essas classes e o uso de instrumentos e de critérios avaliativos que estejam a serviço das aprendizagens.

Posso dizer que, diante das práticas avaliativas analisadas, não se trata de cair na armadilha da idealização do trabalho com o portfólio. Este, ao ser utilizado, possibilitou mudanças reais e significativas, porém apresentou equívocos no desenvolvimento da prática avaliativa: poucos momentos de socialização, pouco tempo para a sua construção em sala de aula pelos estudantes e a falta, por parte das professoras, de maior aprofundamento teórico e metodológico sobre o trabalho com o portfólio.

Assim sendo, ao agir pedagogicamente por meio da organização curricular e da avaliação, o professor não é isento da ação política. Interfere, influencia, constrói com base na visão de mundo, sociedade e de educação. Desse modo, o pensar da avaliação e da organização curricular na/para Educação de Jovens e Adultos tem sinalizado alguns elementos que posso mencionar como fundantes para a efetivação de práticas avaliativas não manipuladoras e nem fabricadas artificialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Assim, diante das reflexões expostas no tocante à organização curricular e do trabalho com o portfólio na Educação de Jovens e Adultos, reafirmo a necessária busca pela compreensão sobre o currículo nesta modalidade educativa à luz do diálogo tecido com os teóricos apresentados no decorrer deste trabalho. É importante ressaltar que a utilização do portfólio possibilitou durante o período que foi utilizado pelas professoras uma mudança no fazer curricular. Em primeiro lugar eles concordaram sobre a importância de se estabelecer uma relação de diálogo entre os conteúdos trabalhados no currículo escolar com o cotidiano dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Isso ficou evidenciando nas falas ao trabalharem de forma interdisciplinar com o uso do portfólio.

Em segundo lugar as professoras envolvidas no trabalho por meio do portfólio reconhecem a fragilidade na vivência estabelecida, contudo estão abertas a novas experiências e ao crescimento em grupo, buscando cursar uma especialização na área, participando de cursos, grupos de estudos e demais atividades que lhe interessem e façam parte do contexto na qual atuam. Em terceiro lugar a reflexão crítica sobre as experiências construídas por meio do trabalho com o portfólio e a organização do currículo de forma interdisciplinar no possibilitaram um maior amadurecimento para o grupo.

Em quarto lugar cabe destacar que a experiência deste processo de organização curricular possibilitou a reflexão crítica sobre o fazer pedagógico, o estabelecimento de parcerias, escuta e compromisso compartilhado por todos os atores que fazem o cenário pedagógico da Educação de Jovens e Adultos.

Por fim, a expectativa é que as ponderações aqui iniciadas, apresentadas e socializadas sejam provocantes e provocadoras de novas reflexões, de novos questionamentos com vistas à construção de uma organização curricular e do trabalho pedagógico e da constituição do

protagonismo entre professores e estudantes na especificidade da Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Georfravia Montoza e ARAUJO, Zilda Rossi. Portfólio: aproximando o saber e a experiência. Estudos em Avaliação Educacional, v.17, n.34, maio/ago., 2006a, p. 187-206.

ALVARENGA, Georfravia Montoza e ARAUJO, Zilda Rossi. Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. Estudos em Avaliação Educacional, v.17, n.33, jan./abr., 2006b, p. 137-147.

BERNSTEIN, Basil. A Estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Luís Fernando Gonçalves Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BERNSTEIN, Basil. Clases, códigos y control – hacia una teoría de las transmisiones educativas. Trad. Rafael Feito Alonso. Madrid-Espanha: AKAL, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, MEC, 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa. Pedagogia de projetos: entrelaçando o ensinar, o aprender e o avaliar a democratização do cotidiano escolar. In: SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara Maria Lerch; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. 6.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 83-94.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. FREITAS, Luiz Carlos de. Indagações sobre Currículo: Currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FERREIRA, Sandra Lúcia. Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani C. Arantes (org.). Práticas interdisciplinares na escola. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 33-35.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Portfólio na Educação Infantil. Ciências e Letras. N.43, Porto Alegre, jan./jun., 2008, p.213-227.

GIMENO SACRISTÁN, J. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Âmagô, 1975.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PACHECO, Dirceu Castilho. Avaliação e currículo no cotidiano escolar. In: ESTEBAN, Maria Teresa. Escola, currículo e avaliação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 119-136.

PAIVA, Jane. Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e PAIVA, Jane (Orgs.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 29-42.

PAIVA, Jane. Os Sentidos do direito à Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis, RJ: DP *et alii*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

PAIVA, Jane. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação. V.11. n.33, set./dez.,2006.p. 519-539.

SILVA, Janssen Felipe da. Introdução: Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara Maria Lerch; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. 6.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 09-20.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como fetiche: a poética e apolítica do texto curricular. 2.reimp.. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

TORRES SANTOMÉ, Jurgo. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? Caderno Cedes, Campinas, v.23, n.61, dez. 2003, p.267-281.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico. Campinas-SP: Papyrus, 2004.